

A INTENCIONALIDADE DA FRUIÇÃO – O TEMA DA SENSIBILIDADE EM LEVINAS

Edson Moacir Schirmer*

Resumo:

O propósito do texto, em pauta, é sugerir, brevemente, possibilidades de compreensão do tema complexo que envolve a articulação entre sensibilidade e alteridade, em E. Levinas, desde a proposta de uma “intencionalidade da fruição” que acaba por possibilitar uma primeira ultrapassagem da subjetividade original “egoísta”.

Palavras-chave: alteridade, sensibilidade, intencionalidade

Levinas descreve a sensibilidade, a partir da fruição. Como entende ele esse conceito? Fruir é estar ligado aos conteúdos da vida que, por sua vez, preenchem de felicidade e gozo a existência. Os conteúdos, de que vivemos, não se justificam, simplesmente, como objetos de representação, não são, igualmente, meios e nem finalidade de vida, mas são, antes, possibilidades e instâncias de prazer, de gozo e felicidade. “Os objetos fazem a alegria da vida”¹. A sensibilidade, a partir da fruição, é entendida, portanto, como “sentimento”, “afetividade” e não como pensamento. “As qualidades sensíveis não se conhecem, vivem-se. O verde das folhas, o rubro deste pôr-de-sol”². O fruir não

* Mestre em Filosofia pela PUCRS.

¹ *Totalidade e Infinito*, Lisboa, Edições 70, p. 97 (doravante TI).

² TI, p. 98

postula uma consciência teorética, nem reflexiva. Não é sobre a teoria que ele assenta, mas sobre a concretude que sustenta, inclusive, a possibilidade da teoria. Nosso pensador coloca, antes do saber, o prazer, e a este qualifica como *egoísmo da vida*. “Viver é fruir da vida”³. Um egoísmo que não entra em discussão moral, mas que é entendido, como necessidade e como um dos fenômenos originais de “*identificação*” do existente com a existência.

Portanto, a sensibilidade, entendida como ato de fruição e como contentamento, não se confunde com o padrão epistêmico da tradição filosófica enquanto questão do ser e busca teorética da verdade. A questão sugerida é a seguinte: a compreensão da realidade se esgota, na compreensão do sentido do ser? O ser é depositário – ou, ao menos, depositário único - do sentido da verdade? Porque a sensibilidade enquanto fruição não se plenifica no ser da sensibilidade, mas *na dinâmica antes “intencional”* dessa mesma sensibilidade.

Assim, em oposição à intencionalidade da representação intelectual, Levinas sugere uma paradoxal “intencionalidade da fruição”. Compreender a sensibilidade, como dado sensível, como fruição, não seria uma espécie de anacronismo intelectual? Levinas diz que não. O dado sensível responde, sempre, ao preenchimento de uma necessidade e de uma tendência. Nas suas limitações, o ser humano se regozija e é feliz. Dá-se uma estrutura de ambigüidade original: pelas necessidades, o eu mantém uma certa relação de dependência com o outro, em relação ao qual, porém, reinstitui a sua própria independência, enquanto feliz.

O modo de as necessidades pulsarem no abrir-se, no satisfazer-se, como ser sensível, se concretiza pela corporeidade. O corpo, separado de seu fim, vai ao outro de si mesmo, sem precisar de mediação ou instrumentos: “Mergulho no elemental plenificando-se de gozo”⁴. O corpo encontra elevação na relação com o outro, possibilitando transformar a fruição em consciência e trabalho. Nesse sentido, Levinas se expressa: “O corpo, a posição, o fato de se manter

não se assemelha à representação idealista. Sou eu próprio, estou aqui, em minha casa, habitação, imanência do mundo. A minha sensibilidade está aqui”⁵. A presença do corpo é presença sensível cujo sentido principal é continuar mantendo-se como corpo. Procurar manter, a si mesmo, na posição alcançada, é um exercício de ocupar o lugar desejado. Na medida que mantenho e asseguro o aqui e o agora, oriento, simultaneamente, uma atitude em relação a alguma coisa, a algo que é, sempre, como que uma “alteridade” de minha fruição.

Logo, as coisas e os objetos, que chegam até mim, têm sentido, enquanto relação de contentamento, porque elas “bastam-me”. Não é uma relação fundamentada a partir de idéias, do pensamento. Em vez de pensar os elementos constitutivos do mundo, eu, apenas, me mantenho nele, descartando a possibilidade de uma representação abstrata, porque sei que a fundamentação de minha atitude relacional provém desses elementos constitutivos, *enquanto tais*, e não enquanto estabelecimento de uma correlação intencional intelectual.

A intencionalidade própria da sensibilidade, em Levinas, difere assim, profundamente, da maneira de como Husserl a entendeu. A sensibilidade não é razão ou racionalidade, nem, tampouco, seu exercício é, a rigor, “racionalizável”, mas, antes, vivencial. Ela se localiza, como que *antes* da razão. O dado sensível não se fecha sobre um sistema totalizante, típico das formas correntes da racionalidade identificante.

Mas, se para Levinas a sensibilidade não é entendida a partir da consciência intencional, como então entendê-la, ou melhor, “perceber sua realidade”? Tudo leva a crer que, para ele, o dado sensível se justifica na ordem da subjetividade. Nessa perspectiva: “A sensibilidade é a subjetividade do sujeito”⁶. “A sensibilidade marca o caráter subjetivo

³ TI, p.122

⁶ *De otro modo que ser o más allá de la esencia*, Salamanca, Ed. Sígueme, 1974, p. 60 (doravante AE).

³ TI, p. 100

⁴ TI, p.121

do sujeito”⁷, ou seja, a subjetividade é o lugar primeiro, o princípio, o aqui, o agora que funda o sujeito sensível, em sua primeira e mais ingênua manifestação. O eu gozoso é a primeira localização que, por primeiro, produz e reflete sensações, que primeiro dá sentido. Levinas, referindo-se a Husserl, enfatiza: “A *Urimpression* é a individuação do sujeito. A *Urimpression* é o começo absoluto, a primeira origem, aquilo, a partir do qual todo o resto é criado. Ela própria não é criada, é “*genesis spontanea*”, é a criação original”⁸. No dizer de Levinas, “a sensibilidade não é conteúdo amorfo, um fato, no sentido da Psicologia Empirista. Ela é intencionalidade, uma vez que situa todo o conteúdo e está situado, não em relação aos objetos, mas em relação a si”⁹. O primeiro dado intencional é sentido na condição de sujeito.

Mas como se fundamenta este “primeiro” sujeito? O eu levinasiano se caracteriza como egoísmo puro, como ser autônomo¹⁰. “O eu é interioridade, é solidão por excelência. Na fruição sou absolutamente para mim egoísta sem referência com outrem, sou sozinho”¹¹.

Esta condição de ser qualifica o eu como ateu, separado. Estar separado significa manter-se sozinho e impossibilitado de manter qualquer vínculo com o ser do qual está separado. Por outro lado, esta condição de estar separado garante a possibilidade da relação com o outro. A separação condiciona inexoravelmente à relação com o outro. Para haver relação do mesmo com o outro é necessário que o mesmo se mantenha, enquanto eu, separado. O eu separado e independente

⁷ *Descobrendo a existência com Husserl e Heidegger*. Lisboa, Instituto Piaget, . p.144 (doravante DEHH).

⁸ DEHH, p.144

⁹ DEHH, p. 145

¹⁰ Não confundir com o sujeito ético plenamente desenvolvido de *Autrement qu'être ou au-delà de l'essence* e de outros escritos, de estatuto completamente diferente.

¹¹ TI, p.118

buscará, pela relação com o outro, a verdade da relação ética. E a sensibilidade é fruto dessa separação original: “a sensibilidade representa a própria separação do ser, separado e independente”¹².

A idéia, que parece estar subjacente a este pensamento levinasiano, é a seguinte: a intencionalidade abstrata da objetivação comprometeu a idéia de sensibilidade, retirando, desta, o seu caráter, propriamente, qualitativo e subjetivo. A questão é: seria possível interpretar, *objetivamente* os vários modos de vida? Caso nos decidamos pela negativa, parece que tal decisão deve-se fundamentar no fato de que o dinamismo intencional da sensibilidade é muito diferente, no tocante à percepção. No dizer de Levinas: “Os sentidos têm um sentido que não é predeterminado como objetivação”¹³.

A partir dos referidos dados, infere-se que a noção de “sensibilidade” delineia contornos, bastante diferentes daqueles mais correntes na tradição. A sensibilidade, enquanto *exposição ao outro*, assume o estado de passividade, não entendida como inércia – ausência de movimento ou repouso. É uma exposição que se mostra, pela fragilidade, não contendo para si qualquer proteção. O eu se qualifica, pela vulnerabilidade. Uma subjetividade, marcada pela vulnerabilidade que está aquém, anterior ao próprio eu e, ao mesmo tempo, está além, exposta ao clamor da alteridade. “A sensibilidade é vulnerabilidade ou exposição ao outro”¹⁴. Uma vulnerabilidade, marcada pela ambigüidade, na relação do eu com o outro, na medida em que põe, em risco, a perda de significação do sujeito - “A subjetividade da sensibilidade enquanto encarnação é um abandono sem retorno, maternidade, corpo sofrendo para o outro, corpo como passividade e renúncia, puro sofrer”¹⁵.

¹² TI, p.122

¹³ TI, p.168

¹⁴ AE, p. 132

¹⁵ AE, p.139

Mas, colocar-se no lugar do outro – substituição do outro - traduz algum tipo de intencionalidade? Que sentido tem a relação da sensibilidade com a alteridade? A compreensão do ser, entendida como consciência que tematiza como saber absoluto, não terá seu sentido e significação na alteridade, enquanto constituinte da própria subjetividade? O contato com o outro não será uma exposição ao ser? Não será exatamente aí, que terá início a recolocação radical da questão da *legitimidade* do subjetivo? A subjetividade, constituída desde o fato da sensibilidade, o si mesmo, repudiando os nexos ontológicos, como laços finais do sentido, não seria esta subjetividade, até mesmo, *um otro modo que ser?*